

O SENTIDO DE CULTURA EM MARIA DE LOURDES BELCHIOR

ERNESTO RODRIGUES*

Resumo: De um conceito de cultura como «valorização do humano, mais de formação de carácter do que de transmissão de saber», Maria de Lourdes Belchior vai analisar «uma forma de ser português» através da literatura. Convocando, depois, razões também extraliterárias, atende ao conflito e olhar do Outro, numa concepção de cultura como «memória não hereditária da colectividade».

Palavras-chave: Cultura; tradição; cultura portuguesa; o Outro.

Abstract: From a concept of culture as «valuation of the human, more of character formation than of transmission of knowledge», Maria de Lourdes Belchior will analyze «a way of being Portuguese» through literature. Then, invoking reasons that are also extra-literary, she attends to the conflict and gaze of the Other, in a conception of culture as a «non-hereditary memory of the collective».

Keywords: Culture; tradition; Portuguese culture; the Other.

Entre 1946 e 1966, não vemos a palavra Cultura na Bibliografia de Maria de Lourdes Belchior. Na década de 1967-1977, a palavra comparece em quatro artigos.

O primeiro, «Meditação sobre a cultura» (Belchior 1967), recenseia volume com o mesmo título de Delfim Santos (1946), lembrando que, no intervalo, vieram à luz ensaios de Jorge Dias, Cunha Leão e António Quadros «sobre caracterização da cultura portuguesa» (Belchior 1967, p. 52). Concordes no «processo de valorização do humano, mais de formação de carácter do que de transmissão de saber» (Santos 1946, p. 17), a cultura exige uma tradição, tipificando cinco tradições de cultura: eslava, germânica, anglo-saxónica, latina, ibérica — e, dentro desta, «uma forma de ser português» (Santos 1946, p. 19), relação já estudada em Oliveira Martins.

Conscientes das inúmeras definições de cultura, não se problematiza esse quinteto eurocêntrico. É também limitativa a ‘formação de carácter’, além de que diminuir uma ‘transmissão de saber’ — quando o *tradere* latino já significa *transmitir* — contradiz a justa importância dada à tradição. Bastaria E. B. Tylor (1871), pai da antropologia cultural, com *Primitive culture*, cujo subtítulo é um programa: *Researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom*. O capítulo I, «The Science of Culture», abre com a célebre definição: «CULTURE or Civilisation, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society» (Tylor 1871, p. 1). É *aquisição*, transmissível, em indivíduos e comunidades.

Pouco relevante o segundo artigo, já «A literatura e a cultura portuguesa na viragem do século XIX para o século XX» e «Cultura contemporânea (1927-1971)» fundem-se nas páginas centrais de

* FLUL / CLEPUL. Email: 123.ernesto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1624-6622>.

Os Homens e os Livros — Séculos XIX e XX (Belchior 1973, pp. 11-30; Belchior 1977, pp. 81-96; Belchior 1980, pp. 99-180). Significam a viragem de quem, face às insuficiências da Estilística e dos atropelos do Estruturalismo (que desbanca, num prefácio bem-humorado), vê «A literatura portuguesa expressão de uma cultura nacional», a partir do título de Jacinto do Prado Coelho (1970). Avisa: «Sou, por dever de ofício, especialista do barroco literário; parecerá, portanto, excessiva ousadia tentar tratar temas de cultura portuguesa do século XX» (Belchior 1980, p. 101). Assumindo definição alheia, entende cultura como um «conjunto de comportamentos e modos de pensar próprios de uma sociedade» (Belchior 1980, p. 102), veiculados pela criação literária.

Diz Belchior no prefácio que a edição estava pronta em 1973; não, se há um texto de 1977. «Temas de Cultura Portuguesa (Séculos XIX-XX)», como se intitula a fusão dos ensaios de 1973 e 1977, rastreia 1890-1915; 1915-1927; 1945-1960. Infelizmente, não entrou «Portugal: O Labirinto da Saudade» (1979), sendo já de 1982 «Sobre o carácter nacional ou para uma ‘explicação’ de Portugal», com autores retomados em artigos d’*A Capital* (1983).

Belchior salienta, no título de Eduardo Lourenço saído em 1978, «O escalpelizar de certos males, como os do nosso perpétuo atraso em relação à ciência [cabe discordar, pelo menos, até ao século XVI], a nossa *subalternidade e dependência*, a nossa mania de que o melhor vem sempre de fora, o divórcio entre o povo e uma elite culta, soberanamente distante daquele, [...]» — e entra a caracterizar o «modo português de ser e estar no mundo» (Belchior 1979, p. 5). Assim, seguindo Lourenço (2010 [1978], pp. 24-25), «o fundo do carácter português» é uma «mistura de fanfarronice e humildade, de imprevidência moura e confiança sebastianista, de “inconsciência alegre” e negro presságio». Quatro adjectivos secundam este povo: humilde, paciente, resignado, crédulo; e, para os tempos mais recentes: passivo, amorfo, de novo humilde, respeitador da Ordem.

O gosto de viver de glórias passadas — ou drama de *ter sido*: aliás, menos ricos do que julgamos, o que escamoteia pobreza, e com bem menos glórias do que as havidas, por uma inveja estrutural denunciada em João de Barros¹ —, sendo refrigério (é o caso da Pátria-Saudade pascoaesiana), obnubila ou atrasa o futuro. Corolário, vive-se um drama presente assim facetado: *mimetismo*, ou macaqueio do estrangeiro, indo muito além de uma saudável *porosidade*; *incúria* pelo que é nosso, já sentida por Garrett e Herculano, quando lhes dói o abandono do património monumental; *ignorância*, ou desprezo, do que temos cá dentro. Urge descobrir, «cumprir-se» Portugal, indo além da *suspensão* contida na síntese de Raul Brandão, que inspira *Sem Tecto, entre Ruínas* (1979), de A. Abelaira: «A vida antiga tinha raízes, talvez a vida futura as venha a ter. A nossa época é horrível porque já não cremos — e não cremos ainda. O passado desapareceu, de futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós sem tecto, entre ruínas, à espera...» (Brandão [s.d.], vol. I, p. 13).

¹ Na *Década Segunda*, livro IV, capítulo XI, temos essa crítica, «porque ao Português mais lhe doe o louvor do vizinho, que o esquecimento do seu. E daqui vem que os seus feitos, sendo dignos de muito louvor àcerca das gentes, por esta razão de competência ficam sepultados no esquecimento, [...]» (Barros 2018, p. 207).

Belchior cita títulos de reflexão, opinião, circunstância e *análise* sobre o caso português: a diligência é útil, *compreensiva*, mas falham os *programas*, comparáveis aos do século XVII na economia, olisipografia, defesa da língua, por exemplo. Hoje, curados do «trauma colonial», persistem problemas diagnosticados em 1979, vindos de Oitocentos: «caciquismo que tudo invade», «aventureirismos irresponsáveis», «carências económicas que põem em risco a Democracia». Concordamos, enfim, que, entre imagens irrealistas, desfasadas ou negativas, um povo só vai *lá*, se tiver uma imagem positiva de si mesmo, se for além da «epiderme da cultura», num «esforço teórico contínuo» de que nos mostramos incapazes» (Lourenço 1987, p. 10).

No artigo de 1982, Belchior retoma aquele Eduardo Lourenço, os mesmos autores e títulos, acrescentando outros do século XX (em sínteses fugazes: *Os Lusíadas*, de Manuel da Silva Ramos e Alfaca; *Portugues*, de Armando da Silva Carvalho; *Lusitânia*, de Almeida Faria; *Repensar Portugal*, de Manuel Antunes; afora um Ramalho Ortigão comum a duas centúrias) que mais disfórica tornam a imagem que de nós temos. Demora-se nos, à data, 12 volumes do *Diário* torguiano e no péssimo retrato tirado por Vergílio Ferreira, sobretudo, em *Conta-Corrente*. Segundo aquele Torga, contamo-nos em 14 estações:

1. *Alma profundamente lírica*; 2. *monomania crítica*; 3. *incapacidade de ser objetivo e fanfarronice*; 4. *somos barrocos, sem poder de análise directa e funda*; 5. *padeecemos de falta de imaginação*; 6. *a nossa vida mental é estagnada*; 7. *nota-se uma falta de cultura do povo*; 8. *e uma falta de originalidade ou fantasia magra*; 9. *assinala-se uma teatralidade*; 10. *a universalidade do nosso génio mora na poesia*; 11. *somos intuitivos e agudos mas não temos perseverança*; 12. *somos parciais e exclusivistas (vícios sem remédio)*; 13. *irremediavelmente individualistas*; 14. *somos provincianos* (Belchior 1982, pp. 24-25).

Do *Auto Chamado da Lusitânia* (Gil Vicente, 1532) à *Lusitânia* de Almeida Faria (1980), também *transformada* (Fernão Álvares do Oriente, 1607), *restaurada* (Vicente de Gusmão Soares, *Lusitânia Restaurada dirigida a seu restaurador El-Rei D. João 4.º*, 1641), ou Lusónia (Teófilo Braga, *Viriato*, 1904), e longínquo Turdugal², aos derivados de Portugal (que Pessoa trocou por *Mensagem*, ao contrário de Torga, 1950; *Mensagem*, cujo «Nevoeiro» nos oximoriza em «fulgor baço») — Portugaleta (Pinheiro da Veiga, *Fastigínia*, 1605), Portuga-linho (João Medina), *Portugues* (Armando Silva Carvalho, 1977) —, aos pronomes (*isto*, Sá de Miranda), metáforas, perífrases e desvios com o seu quê de simpáticos (Maria Velho da Costa, *Casas Pardas*, 1977; *minha terra*, país de Camões, «onde a terra acaba e o mar começa», pessoano *rosto* da Europa; «O Reino Cadaveroso» de António Sérgio, da conferência coimbrã de 1926 [1972, pp. 25-61], inspirado em Ribeiro Sanches (1777); *O Reino da Estupidez*

² Oliveira 1975, p. 41: «E deste rei Luso se chamou a terra em que vivemos Lusitânia, a qual depois chamaram Turdugal e agora, mudando algumas letras, Portugal, não do porto de Gaia, como quer Duarte Galvão na *História de El-Rei D. Afonso Henriques*, mas dos Túrduos e Galos, duas nações de homens que vieram morar em esta terra, segundo conta Estrabão no terceiro livro da sua *Geografia*».

[1961] seniano, trazido de Francisco de Melo Franco; Ruy Belo, *País Possível*, 1973), Vergílio Ferreira afunda-nos em lama e porcaria: Portugal «é uma valeta» (Ferreira 1980, p. 153), e, com ou sem consciência de uma *charge* camiliana ao *jardim da Europa à beira-mar plantado* do D. Jaime — em que seríamos *jardim da Europa à beira-mar latrinário* (*Nostalgias*, 1888) —, lembra-se deste descaso: «Ó país do tamanho de um papel higiénico» (Ferreira 1980, p. 135). É um pérfido desenvolvimento em relação a *piolheiras* ou à *choldra* de Eça, D. Carlos, Aquilino. Quanto aos habitantes, temos lusitanos, portugueses, *Os Lusíadas* (Camões, 1572; Manuel da Silva Ramos e Alface, 1977), portugueses (*Fastigínia*), povo eleito, cafres da Europa (ambos no Padre António Vieira), magriços (1966), «pascácios» e «palhaços» (Ferreira 1980, pp. 147, 258)...

Em 1982, p. 30, resume aquelas décadas de psicografia nacional desde 1890 segundo nove pontos de *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa* (1950) de Jorge Dias:

1 – expansividade; 2 – adaptabilidade e pendor activista; 3 – vivo sentimento da natureza, poético e contemplativo-estático; 4 – gosto pela ostentação; 5 – afectividade e humanidade profundas («o coração como medida de todas as coisas»); 6 – saudade e obstinatismo (alma contemplativa e obstinada dos portugueses); 7 – tendência para sobrepor a simpatia humana às prescrições da lei; 8 – pessimismo; 9 – menos exuberância do que noutros meridionais (Belchior 1982, p. 30).

Longe do método da *História da Cultura em Portugal* (1950, 1955, 1962), acompanha a refundição desse António José Saraiva em *A Cultura em Portugal. Teoria e História. Livro I. Introdução Geral à Cultura Portuguesa* (1994 [1981]), que nos interpreta em 14 estações. Terminei o quinquénio da licenciatura com *História da Cultura Portuguesa* (1980), mas, durante 34 anos, ministrei *Cultura Portuguesa*, substituída neste milénio por *História da Cultura Portuguesa*, acrescida de uma disciplina transversal, *Mitos da Cultura Portuguesa*, inspirado em critério de Saraiva, próximo da imagologia de Lourenço: «Os mitos históricos são uma forma de consciência fantasmagórica com que um povo define a sua posição e a sua vontade na história do mundo» (Saraiva 1994 [1981], p. 12). Com a crescente imigração, um dia, teremos *História da Cultura dos Portugueses*, em minoria... O título de uma disciplina diz muito de conceitos em crise.

A escola de matriz literária perfilhada por Prado Coelho e Belchior acrescentou-se, em Saraiva, com propósitos extraliterários. Para a caminheira e cosmopolita Belchior, o critério saraiviano *Dentro / Fora* fê-la avançar, antecipando Peter Burke (1994, p. 61):

La forma más útil, quizá, para escribir la historia de una cultura nacional sería el verla en términos de la coexistencia de influencias mutuas, de conflictos mutuos respecto a diferencias de cultura. Como dijo Américo Castro, surgió de conflictos entre los judíos, los moros y los cristianos esa Hispanidad. [...]

La próxima generación podría intentar escribir la historia cultural utilizando el modelo de encuentros culturales. Obviamente, el modelo surge del encuentro entre la cultura europea. Pero se puede utilizar el modelo para describir encuentros culturales dentro de las naciones. Creo que en lugar de la vieja aseveración de la unidad, ahora encontramos interacciones de subculturas.

Assim, no primeiro semestre de 1988, Belchior dedica o seu último mestrado na Faculdade de Letras de Lisboa à *Fastigimia* (exemplar de Hernâni Cidade fotocopiado para os alunos), cuja edição fac-similada prefacia, e sai em Julho. A minha dissertação de mestrado será sobre *Fastigínia*, mas ela segue para Paris e não pode orientar-me: incumbe-me, todavia, de uma edição mais correcta que a de Sampaio Bruno, que editei em 2011; oferece, com dedicatória comovente, o recém-saído *Cancioneiro para Nossa Senhora — Poemas para uma Via-Sacra* (1988); escolhe-me, em concurso público, para o seu lugar em Cultura Portuguesa. Dedico-lhe *Ensaios de Cultura* (2023), onde trato mais detidamente de um conceito de Cultura que vai além do que somos enquanto comunidade, para estarmos com o Outro.

Ao contrapor a Eduardo Lourenço (que conheceria *Fastigínia* na minha edição), e num desenvolvimento do conceito de Cultura, ela dizia: «O *Portugalete* que Pinheiro da Veiga, queirozianamente, descreve, vive em tensão *o presente*: tensão que se agudiza, sobretudo em relação a Castela e aos castelhanos» (Belchior 1979, p. 3). Sobre esse «livro admirável [que] se lido com fecunda atenção muito pode contribuir para a autognose nacional» (Belchior 1979, p. 13) vai curar no prefácio de 1988. A estilista e docente de literatura confirmava-se historiadora da cultura de um novo tipo no quadro de um discurso peninsular, intercultural, cujas instâncias culturais desenvolvi, ao estudar, em *Fastigínia*: 1. Elementos de composição; 1.1. Factos, autores, personagens e títulos literários; 1.1.1. Cervantes e Ariosto; 1.2. Bíblica; 1.3. Enumeração; 1.4. Diálogo; 1.5. Linguagem; 1.6. Aforística; 2. Os sucessos de 1605; 3. Religião; 4. Política; 5. Economia; 6. Sociedade; 7. Jogos, festas e lazer; 8. Luxo e ostentação; 9. Gastro-nomia; 10. Artes; 11. O tempo português.

Temos, pois, uma cultura nacional face ao lá fora, ainda no quadro ibérico, mas também inglês, italiano e mesmo francês, para lá do greco-latino. Sem esquivar a tradição (e seus aspectos benfazejos, caso do modo português de pregar, o elogio da mulher lusitana, etc.), Veiga sugere que as raízes dessa tradição se actualizem, que nos olhemos criticamente no espelho do vizinho e absorvamos as suas qualidades.

Enclausurados numa ideia feita de intocável tradição, comum a extremismos, a mesma tradição só se faz contemporânea se for «*memória não hereditária da colectividade*» (Lótman et al. 1981, p. 40), definição de Cultura assente na longevidade dos discursos, nos valores e códigos da *memória*, que se renovam no diálogo com outrem, o *estrangeiro*, que todos somos (e, tantas vezes, estranhos a nós mesmos).

Bastaria olhar às «grandes percentagens de diversas linhagens genéticas, sobretudo de origem materna», na população portuguesa. Essa «variedade genético-cultural» (Simões

³2018, pp. 14, 16) dá-nos «plasticidade de espírito», torna-nos «adaptáveis ao costume alheio, facilmente comunicativos com os outros povos» (Sérgio ²1976, p. 165).

Assim se executou Maria de Lourdes Belchior, interventora nos círculos católicos, abrindo pela Juventude Universitária Católica Feminina, em cuja «revista de cultura», *Universitárias*, se estreou, e colaborou amiúde (1941-1952); admirada por discípulos, colegas e crentes noutras religiões ou ideologias; defensora dos estudantes nas cargas policiais antes de Abril; bolseira, conselheira, directora ou presidente, mas sempre *em missão*. Mulher com um arreigado sentimento de entrega nos múltiplos lugares por onde passou, um dos raros espíritos ecuménicos de que a Universidade se pode orgulhar, só a meio da vida teorizou sobre as nossas formas de ser e estar, conjugadas — no final da carreira, de volta à sua época de eleição centrada em Tomé Pinheiro da Veiga — com um sentido transnacional, ou Cultura *comparada*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, João de, ²1983. *Décadas*. Selecção, prefácio e notas de António BAIÃO. Lisboa: Livraria Sá da Costa. Vol. III.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1982. Sobre o carácter nacional ou para uma ‘explicação’ de Portugal. *Nação e Defesa*. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional. Janeiro-Março, (21), 13-31.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1980. Temas de cultura portuguesa (Séculos XIX-XX). Em: Maria de Lourdes BELCHIOR. *Os Homens e os Livros. Séculos XIX e XX*. Lisboa: Verbo, vol. II, pp. 99-180.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1979. Portugal: O Labirinto da Saudade. *Revista de História Económica e Social*. Lisboa. Julho-Dezembro, 4, 1-14.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1977. Cultura contemporânea (1927-1971). *Etudes Portugaises et Brésiliennes*. Rennes: Université de Haute-Bretagne. Nouvelle série, **XIII**, 81-96.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1973. A literatura e a cultura portuguesa na viragem do século XIX para o século XX. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Série de Filologia*. I, 11-30.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1967. Meditação sobre a cultura. *Colóquio – Revista de Artes e Letras*. Abril (43), 51-53.
- BRANDÃO, Raul, [s.d.]. *Memórias*. Lisboa: Perspectivas & Realidades. Vol. I.
- BURKE, Peter, 1994. [Entrevista]. *ABC*. Madrid, 29-VII.
- COELHO, Jacinto do Prado, 1970. A literatura portuguesa, expressão de uma cultura nacional. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. II: 500-25.
- FERREIRA, Vergílio, 1980. *Conta-Corrente*. Lisboa: Livraria Bertrand. Vol. 1: 1969-1976.
- LÓTMAN, Iúri, et al., 1981. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. Em: Iúri LÓTMAN. *Ensaios de Semiótica Soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 37-66.
- LOURENÇO, Eduardo, ⁷2010 [1978]. *O Labirinto da Saudade. Psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Gradiva.
- LOURENÇO, Eduardo, 1987. *Heterodoxia. I, II*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- OLIVEIRA, Fernão de, 1975. *A gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira*. Edição de Maria Leonor Carvalhão BUESCU. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SANTOS, Delfim, 1946. *Meditação sobre a cultura*. Lisboa: [s.n.].
- SARAIVA, António José, 1994 [1981]. *A Cultura em Portugal. Teoria e História*. Lisboa: Gradiva. Livro I: *Introdução Geral à Cultura Portuguesa*.
- SÉRGIO, António, ²1976. *Ensaios*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa. Tomo VI.
- SIMÕES, Manuel Sobrinho, ³2018. *Os Portugueses [...]*. Lisboa: Gradiva.
- TYLOR, Edward B., 1871. *Primitive culture*. London: John Murray. Vol. I.